

**UMA EXPERIÊNCIA LIGEIRAMENTE DEFORMADA:
A ETNOGRAFIA DO ESCRUTINADOR ITALO CALVINOⁱ**

Camila Pierobon

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro onde desenvolve estudos sobre a relação entre sociologia, literatura e estudos urbanos, através da análise de romances do escritor italiano Ítalo Calvino. Bolsista Capes.

RESUMO:

Em 1953, Italo Calvino participa de um processo de votação no interior do Cottolengo em Turim exercendo a função de escrutinador nas mesas eleitorais e coletor de votos nas enfermarias. Dessa "experiência de campo" nasce o livro O dia de um escrutinador e o personagem Amerigo Ormea. Através do conto, farei um "exercício etnográfico" aproximando a literatura de Italo Calvino com a "antropologia da cidade" desenvolvida por Michel Agier. A análise traz os confrontos dos ideais de um militante do Partido Comunista Italiano que, ao se deparar com a complexidade da vida que aparece no cotidiano do Cottolengo, entra em crise com as concepções gerais e abstratas defendidas pelo partido.

Palavras-Chave: Italo Calvino; Literatura Italiana; Antropologia Urbana.

ABSTRACT:

In 1953, Italo Calvino participates in a voting process within the Cottolengo in Turin serving as the scrutineer at polling stations and collector of votes in the wards. The book The Watcher and its character Amerigo Ormea came from this "field experience". Through the story I will be doing an "ethnographic exercise" approaching the literature by Italo Calvino with the "anthropology of the city" developed by Michel

Agier. The analysis brings clashes of ideals of the Italian Communist Party member who, when faced with the complexity of life that appears in the daily Cottolengo is in crisis with the general and abstract concepts advocated by the party.

Keywords: Italo Calvino; Italian Literature; Urban Anthropology.

OLHOS, NARIZ, BOCA, BRAÇOS, PERNAS

No mundo todo as coisas que mais pareciam de pedra iam se movendo
Italo Calvino – 1963

Em 7 de junho de 1953 Italo Calvino, ainda membro do Partido Comunista Italiano, o PCI, fora candidato pelo partido com o objetivo de "engrossar a lista" de concorrentes eleitorais e fazer frente ao Partido Democrata Cristão italiano. Nesta ocasião, passou pela primeira experiência de participar de um processo de votação no interior do Cottolengo, à época, a maior instituição religiosa para "caridade" de Turim, que incluía asilo, hospital, hospício, escola e convento. Calvino, no trabalho como candidato, assumiu a tarefa de resolver os conflitos das mesas eleitorais em que havia problemas e contestações. Foram apenas dez minutos andando pelo Cottolengo, mas o tempo necessário para muitas reflexões e o surgimento da idéia de escrever um conto sobre a experiência vivenciada.

Ao começar a escrever, ainda naquele ano, Calvino percebe que "as imagens que carregava dali eram pouca coisa em relação ao que se espera de um tema desses" (CALVINO, 2002, p.88) e pensa que só conseguiria escrever sobre um dia de eleição no Cottolengo vivendo *in loco* todo o processo eleitoral. Em 1961, quatro anos após o desligamento do PCI, mas ainda prestando serviços ao partido, aparece para o escritor italiano a chance de ser escrutinador nas eleições administrativas. Calvino passa dois dias naquela seção eleitoral sendo escrutinador nas mesas e coletor de votos nas enfermarias. No texto de apresentação do livro, nosso autor expõe o choque e a angústia que teve para descrever tal experiência. Em fevereiro de 1961 Calvino diz:

O resultado foi que fiquei completamente impossibilitado de escrever durante muitos meses: as imagens que tinha nos olhos, de infelizes sem capacidade de compreender ou falar ou se movimentar, para os quais se encenava a comédia de um voto delegado mediante o padre ou a freira eram tão infernais que só poderiam ter me inspirado um panfleto violentíssimo, um manifesto antidemocrata cristão, uma seqüência de anátemas de um partido cujo poder se sustenta em votos (poucos ou muitos, a questão não é essa) obtidos daquele modo. Enfim, primeiro estava quase sem imagens, agora tinha imagens demasiado fortes. Tive de esperar que se afastassem, que ficassem um pouco esbatidas na memória; e tive de deixar amadurecer cada vez mais as reflexões, os significados que delas se irradiam, como uma seqüência de ondas e círculos concêntricos (*idem, ibidem*).

Publicado em 1963, foram necessários 10 anos de distância da primeira experiência no Cottolengo para que Calvino pudesse finalizar o conto *O dia de um escrutinador*. E é através da “experiência de campo” que Calvino realizou dentro da também chamada Pequena Casa da Divina Providência em Turim que farei um “exercício etnográfico” propondo uma aproximação entre a literatura de Italo Calvino e a proposta da “antropologia da cidade” desenvolvida pelo antropólogo francês Michel Agier.

Como “experiência autobiográfica ligeiramente deformada” (*idem*, p.85), o conto *O dia de um escrutinador* é considerado por seus críticos como o mais “sofrido e engajado” de Calvino que mostra o “caráter utópico de seu pensamento” (PIERANGELLI, 2011, p.216). A história narra um dia de trabalho de Amerigo Ormea como escrutinador no famoso sanatório de Turim exercendo as mesmas funções de Calvino, ou seja, Amerigo foi escrutinador na mesa eleitoral e coletor de votos nas enfermarias.

Passada nos anos de 1950, esta narrativa integra uma tríade inacabada de textos que Calvino pretendia intitular *Meados de Século*. Na coleção, que inclui o conto *A especulação imobiliária* e um terceiro que teve apenas as primeiras páginas escritas, *Che spavento d'estate*, o autor tinha como princípio marcar o momento de transformações da Europa, e em especial da Itália, após o fim da Segunda Guerra Mundial. De caráter realista, os contos têm como características reflexões sobre as indelévels transformações pelas quais a Europa passara no início da segunda metade do século XX.

O cenário que se apresenta com essas profundas e importantes mudanças aparece no texto de Calvino através da experiência de crise que irrompe sua vida nas décadas de 1950 e 1960. Crise é a palavra que (des)orienta o pensamento escritor italiano e marca um momento de transição nas reflexões e posições do autor sobre seus temas mais importantes, pois coloca em questão a existência naturalizada de conceitos e idéias que eram caras ao escritor italiano: crise da literatura, crise do sentido da democracia, crise do conceito de humano, crise da política, do partido comunista, da esquerda e do marxismo e, também, crise da cidade. Em meio a estas reflexões, Calvino comenta sobre o que significa ser um escritor em situação de crise:

para um escritor, a situação de crise, quando uma determinada relação com o mundo sobre a qual ele construiu seu trabalho se revela inadequada e é necessário encontrar outra relação, outra maneira de considerar as pessoas, a lógica das histórias humanas, essa é a única situação a dar frutos, a permitir tocar alguma coisa verdadeira, a permitir escrever precisamente aquilo que os homens necessitam ler, mesmo que não percebam ter essa necessidade. (CALVINO, 2006a, p. 80)

Este trecho foi escrito por Calvino entre março e abril de 1961, dois meses após o seu retorno ao Cottolengo, e integra a conferência intitulada *Diálogo de dois escritores em crise*. O ensaio relata seu encontro com o escritor italiano Carlos Cassola e traz como tema a reflexão sobre a crise dos ideais que orientavam a literatura durante o século XIX e que perduraram na primeira metade do século XX.

Nessa discussão, enquanto Cassola tentava defender uma literatura que estivesse voltada "aos sentimentos, ao contato direto com a vida dos grandes escritores do século XIX", Calvino o provoca dizendo que para fazer uma literatura que dê conta de pensar os problemas existentes no mundo contemporâneo, é preciso que o romancista consiga expressar a vida moderna "em sua dureza, em seu ritmo e também em sua mecanicidade e desumanidade" (*idem*, p.79).

Para nosso autor, os romances que nascem a partir dos anos de 1950 e 1960 não poderiam mais "ter a pretensão de nos informar sobre como é o mundo", o máximo que se pode fazer é descobrir "a maneira, as mil, as cem mil novas maneiras em que nossa inserção no mundo se configura, expressando pouco a pouco as novas situações existenciais" (*idem*, p.85).

É a partir desta última afirmação que proponho uma aproximação entre a literatura de Calvino e a antropologia *da* cidade. Aqui, faço uma referência direta ao pensamento de Michel Agier quando este aponta diferenças entre fazer uma antropologia *na* cidade e a antropologia *da* cidade. Esta antropologia nos permitiria pensar a cidade a partir de duas operações epistemológicas que modificariam o modo de fazer a etnografia urbana. A primeira modificação consistiria em "deslocar o ponto de vista da cidade para os cidadãos - e assim, parafraseando Clifford Geertz quando fala de cultura, ver a cidade como vive, olhando-a 'por cima do ombro' dos cidadãos"; a segunda operação versaria em "deslocar a própria problemática do objeto para o sujeito, da questão sobre o que é a cidade - uma essência inatingível e normativa - para a pergunta sobre o que faz a cidade" (AGIER, 2011, p.38).

O que a antropologia *da* cidade propõe é a problematização das construções sociais do olhar sobre a cidade. Neste sentido, uma das questões que esse "olhar antropológico" nos traz são os limites da idéia totalizante de cidade que ofusca o entendimento das micro-relações que estão em jogo no dia-a-dia da realidade concreta cotidiana. A escolha da antropologia *da* cidade é a desconstrução da forma de entendimento de cidade que, de alguma maneira, a tipifica quando trata "a cidade" como objeto de estudo em si. O que se propõe é outra maneira de pensar as cidades em que o foco passa a ser os sujeitos concretos que através das suas práticas diárias "fazem a cidade". O foco sai, portanto, da idéia totalizante de cidade e passa para as "cem mil maneiras" possíveis com que os sujeitos vivem a cidade.

No movimento de trazer o foco para os sujeitos, coloca-se outra questão para a antropologia urbana quando esta define seu objeto de estudos por áreas temáticas de conhecimento como, por exemplo, religião, família, gênero, etc. Para realizar estes estudos de forma que não autonomize os temas das relações que os sujeitos operam no cotidiano, é necessário, na abordagem, um cuidado especial. O desafio da antropologia contemporânea está justamente em descrever as complexas conexões realizadas por esses sujeitos que acionam, interligam e organizam constante e ininterruptamente as diferentes esferas da vida concreta. O que a antropologia *da* cidade apresenta como proposta é que "o próprio ser da cidade surge não como um dado mas como um *processus*, humano e vivo, cuja complexidade é a própria matéria da observação, das interpretações e das práticas de 'fazer cidade'" (*idem, ibidem*).

E é exatamente pelo foco da análise da antropologia urbana estar nos sujeitos que constroem a cidade e pela idéia de conseguir trabalhar diferentes esferas da vida das pessoas que indico uma aproximação com a literatura de Calvino. Essa aproximação é possível na medida em que a antropologia e a literatura são duas formas de experimentação do mundo que, *mutatis mutandis*, "parece permitir-nos elaborar um roteiro centrado nos agentes" (ISER, 1999, p.152). Trazer a questão para a relação entre roteiros e agentes implica em pensar na ordenação e organização do que está sendo escrito, o que leva o autor a perceber o ato de escrever como uma prática que cria discursos e a assumir a responsabilidade sobre os sentidos que estão sendo elaborados.

Pensar em roteiros e agentes coloca em questão a própria noção de agentes e agências, na medida em que impossibilita pensar o escritor, e também o antropólogo, distanciados do ato de escrever. Outro dos desafios da antropologia contemporânea está precisamente em escolher uma forma narrativa que dê conta de expressar a complexidade dos problemas contemporâneos através dos movimentos e dinâmicas que colocam em relação as diferentes dimensões que estão em jogo no cotidiano. Colocar o foco nos sujeitos provoca o etnógrafo e o escritor a deixarem o texto aberto, vivo e dinâmico, e a por em xeque a ambição iluminista da objetividade e a aspiração de uma totalidade que se constitua através de um sentido único e essencialista.

Se um dos desafios da antropologia contemporânea está em buscar uma forma narrativa que dê conta de trazer para o ato de escrever a complexidade, a diversidade e a dinâmica, este é também um dos desafios da literatura no século XX e XXI.

Em 1963 Italo Calvino finaliza o conto *O dia de um escrutinador*, mas deixa a trilogia *Meados de Século* inacabada. Isso porque, neste período, diante da diversidade dos problemas que se apresentam a seus olhos, o escritor italiano sente a necessidade de buscar novas formas narrativas para tentar entendê-los e escrevê-los. Essa busca marca a mudança na postura do autor em relação ao seu estilo de fazer literatura. Por entender que a presença do escritor é interna ao ato de escrever, e que o estilo literário estaria intimamente ligado à forma como seu autor entende e pensa o mundo social em que vive, Italo Calvino questiona e transforma a sua forma de fazer literatura.

No entanto, existe algo que permanece. Em uma entrevista realizada em 1960 pelo professor e crítico literário Carlo Bo, surge a pergunta se são as idéias ou os homens que têm mais peso à formação política e literária do escritor italiano. Para responder a esta questão, no texto que não por acaso leva o título *O comunista partido ao meio*, e realiza um jogo com este e outros de seus romances da época, Calvino diz:

têm mais peso sempre os homens do que as idéias. Para mim, as idéias sempre tiveram olhos, nariz, boca, braços, pernas. Minha história política é, antes de tudo, uma história de presenças humanas. A Itália, quando menos esperamos, descobrimos que é cheia também de boas pessoas (CALVINO, 2006b, p.143).

O que é revelado no trecho acima é a importância de presenças humanas na construção e compreensão da realidade, e é através das presenças humanas que Calvino apresenta a complexidade da vida nas cidades. Italo Calvino é um autor que problematizou as cidades tanto em seus romances e contos como em seus ensaios, crônicas, relatos de viagens e cartas. O autor italiano formulou narrativas sobre as cidades contemporâneas construindo seqüências da vida urbana inspiradas em pequenas cenas cotidianas, muitas vezes retiradas de uma ínfima parte do curso real do mundo. O interesse multidisciplinar do escritor e sua obsessão pela exatidão fez com que Calvino construísse as mais diversas cidades com os mais diferentes tipos urbanos utilizando toda a liberdade poética que lhe é característica nas formulações fantásticas ou construindo narrativas neo-realistais politicamente engajadas.

O dia de um escrutinador é um livro que entra nesta segunda categoria. É uma observação da complexidade da vida contemporânea que pode ser lida através de um episódio que acontece no decorrer de um dia. Ele permite ao leitor, através da experiência do protagonista Amerigo Ormea, um "passeio" no interior do Cottolengo enfrentando os questionamentos provocados pelas dúvidas e angústias vividas pelo personagem.

O livro traz reflexões sobre os confrontos dos ideais de um homem de esquerda que construiu sua visão política do mundo na militância do Partido Comunista Italiano, que propunha certos ideais universais para a definição de humano, igualdade, democracia, etc... No entanto, a vida que aparece no cotidiano do Cottolengo se torna impossível de ser reduzida às concepções gerais e abstratas defendidas pelo partido. Amerigo se da conta de que o mundo em que se "formou" não permite entender a

quantidade de questões levantadas pela vida concreta que circula naquele sanatório. Assim, seus ideais aparecem como utopias que a cada movimento do seu dia são desconstruídos pela dura e complexa realidade que encontra à sua frente.

No entanto, num movimento pendular, Amerigo aos poucos vai reconstruindo seus pensamentos na medida em que investiga os modos concretos com que os indivíduos como seres vivos se relacionam naquele espaço. Porque, como argumenta Calvino naquela mesma entrevista, "o que conta é o que continua, é o positivo que sabemos reconhecer em toda realidade" (*idem*, p.144). Dessa maneira, o deformado se reconstrói em humano, a imobilidade em movimento, a inércia em ação e o Cottolengo em cidade.

Em certo sentido, podemos ler o Cottolengo como uma instituição onde, através de sua trama integrada de significados, é possível levantar questões que estabeleçam diálogos com problemas mais gerais. Por meio das dúvidas e angústias experimentadas por esse homem comum, simples e complexo, Amerigo Ormea, podemos abrir nosso pensamento para outras possíveis formulações.

Para passarmos à segunda parte do texto, empresto novamente de Michel Agier a indagação que direciona a análise que segue. Por perceber que a construção do problema antropológico deve estar centrado em entender as dinâmicas que nascem em lugares como o Cottolengo, Agier lança a seguinte pergunta: "que vida social, econômica, cultural, política emerge nos lugares mais precários e mais extraterritoriais dando-nos exemplos de cidades em formação?" (AGIER, 2011, p.39). A partir desta questão, iniciamos a segunda parte deste artigo.

AMERIGO ORMEA E A CIDADE COMO HOSPÍCIO

Se o único mundo no mundo fosse o Cottolengo, pensava Amerigo, sem um mundo lá fora que, para exercer sua caridade o domina e esmaga e humilha, talvez até esse mundo pudesse se tornar uma sociedade, começar uma história própria...

Italo Calvino - 1963

Apresentar Amerigo Ormea e a história vivida por ele traz enorme dificuldade. O tempo em que ela se realiza é curto e com linearidade temporal: começa às cinco e

meia da manhã com o personagem saindo de sua casa para ser escrutinador no Cottolengo e termina com o encerramento da seção eleitoral.

O que torna difícil a apresentação do texto é a quantidade de detalhes que acontecem no correr deste dia que compreende a exposição do processo eleitoral e as relações entre os escrutinadores, a descrição física do Cottolengo, a narração dos diferentes tipos de pessoas que vivem naquele espaço, as formas de convivência que se estabelecem entre elas e entre outros acontecimentos.

Também pela complexidade do personagem Amerigo que vai sendo construído na medida em que suas experiências vividas vão suscitando reflexões. Assim, Amerigo aparece de forma descontínua, fragmentada e contraditória, num movimento ininterrupto de desconstrução e reconstrução onde o mundo e as idéias jamais encontram uma maneira de se fixar. Somada as duas dificuldades, o conto acaba se tornando intraduzível em um resumo.

Por essa impossibilidade de fazer uma síntese do texto, proponho uma apresentação analítica que traga a complexidade do conto, colocando o foco em algumas das ações e interpretações do personagem principal. Assim, começo com a abertura do livro:

Amerigo Ormea saiu de casa às cinco e meia da manhã. O dia anunciava-se chuvoso. Para alcançar a seção eleitoral onde era escrutinador, Amerigo seguia um percurso de ruas estreitas e arqueadas, ainda pavimentadas com os velhos calçamentos, ao longo de muros de casas pobres, decerto densamente habitadas mas que não apresentavam, naquele alvorecer dominical, qualquer sinal de vida. (CALVINO, 2002, p.09)

Amerigo é um homem da classe média, "ex-burguês", intelectual, solteiro, de meia idade, que desenvolveu seu pensamento e esperanças ancorados nas idéias iluministas de razão, de humanidade e de igualdade, e que escolheu viver uma trajetória política filiando-se ao Partido Comunista Italiano. Como militante, era conhecido pelos outros membros do partido como uma pessoa "preparada" e de "bom senso". Por não gostar de "ficar na linha de frente" e preferir realizar tarefas úteis, modestas e necessárias às quais ele acreditava serem corretas, Amerigo não se definia como um

militante "ativista". Era julho de 1953 e fora por essas características pessoais que Amerigo recebe do partido a incumbência de ser escrutinador no Cottolengo.

Da experiência adquirida na vida política Amerigo carrega a nostalgia dos anos de 1940 em que a política aparecia como algo realizável e oscila entre um *pessimismo político* e um *otimismo utópico* ou, na máxima de Gramsci, *pessimismo da inteligência*, *otimismo da vontade*, (CALVINO, 2006a, p.22) que o faz formular um tipo de conduta em que acredita ser necessário, tanto na política quanto na vida, "nunca criar demasiadas ilusões e não deixar de acreditar que tudo o que se fizer poderá ser útil" (CALVINO, 2002, p.10). Por isso, Amerigo aceita de "bom grado" a tarefa "modesta", "necessária" e de "empenho" que é ser escrutinador naquela instituição religiosa.

Com vagas idéias sobre o que esperar daquela seção eleitoral, Amerigo caminha e pensa que um "dia triste e nervoso" estará à sua espera. Para chegar à instituição, o militante comunista passa por um bairro que não lhe é familiar, formado por ruas "estreitas e arqueadas" onde se encontram casas "pobres e populosas", nas quais ele precisa se orientar pelas ruas procurando os nomes nas "placas enegrecidas". Narrada em quinze capítulos, a história conta o correr deste único e intenso dia na vida de Amerigo Ormea e vai pouco a pouco elaborando o difícil perfil de um personagem em transformação.

Sob chuva fina e com os sapatos molhados, Amerigo chega ao Cottolengo. Na entrada, em frente ao portão, o personagem observa o ambiente ao seu redor e, inquieto, confere as informações na notificação enviada pela prefeitura. Aquele edifício provoca nas lembranças de Amerigo a imagem de uma "grande fábrica". Em outros momentos a construção aparece "meio como um quartel, meio como um hospício". Seja como fábrica, quartel ou hospício, aquele prédio compunha um corpo disforme com contornos irregulares, como se as características daquele lugar marcassem as pessoas que ali viviam. Por sua dimensão, o sanatório mais parecia "uma cidade dentro da cidade, cercada por muros e sujeita a outras regras". Esta constatação produz em Amerigo a "sensação de penetrar para além das fronteiras do seu mundo" (*idem*, p.12).

Desde os primeiros passos do escrutinador Amerigo Ormea no Cottolengo vamos acompanhando a experiência de choque de um homem de esquerda que, ao se

deparar com a complexidade da realidade encontrada naquele espaço, entra em crise com os sentidos e os conceitos que havia naturalizado e consolidado. Com o andamento do dia, das pessoas que passam e dos conflitos que aparecem, o personagem Amerigo, que entra no Cottolengo com certa definição de suas escolhas e pensamentos, vai sendo profundamente contestado chegando ao final do dia a pungentes definições dos sentidos que foram desconstruídos.

Apreensivo por estar naquele local, Amerigo luta para não "deixar-se levar pela desolação do ambiente, e para tanto se concentra na desolação de seus apetrechos eleitorais" (*idem*, p.17). A primeira obrigação como escrutinador é a de transformar a sala, que nos dias comuns é um parlatório para os parentes que visitam os internos, em uma das centenas de seções eleitorais armadas no interior do Cottolengo. Para isso são necessários poucos objetos: biombos e caixas de madeira, registros, pacotes de cédulas, canetas, daí por diante.

Também é preciso conhecer os outros companheiros de trabalho e Amerigo se vê entre o presidente da mesa e mais três escrutinadores: duas mulheres, uma militante e ativista do Partido Socialista, outra com ar professoral que parecia recrutada pela Ação Católica, e um terceiro, "magrela e quatro olho", que não se define o partido mas, pelas colocações, compartilha com as idéias de algum partido conservador.

Tudo parece estranho, impessoal, pacato e frio até a chegada dos votantes e "a variedade da vida a entrar com eles" (*idem*, p.16):

Era uma Itália oculta desfilando naquela sala, o avesso daquela que se exhibe ao sol, que anda pelas ruas e que pretende e produz e consome, era o segredo das famílias e das aldeias, era também (mas não só) o campo pobre com seu sangue aviltado, seus conúbios incestuosos na escuridão das estrebarias, o Piemonte desesperado que sempre acoisa o Piemonte eficiente e rigoroso, também era (mas não só) o fim das raças, quando no plasma se fazem as contas de todos os males esquecidos de desconhecidos antecessores, a sífilis calada como culpa, a bebedeira único paraíso (mas não só, mas não só), era o risco de um erro que a matéria de que a espécie humana é feita corre sempre que se reproduz, o risco (previsível, ademais, como base no cálculo das probabilidades, como nos jogos de azar) que se multiplica pelo número das novas insídias, os vírus, os venenos, as radiações de

urânio... o acaso que governa a geração humana que se diz humana porque acontece casualmente... (*idem*, p.24-25)

Em *O dia de um escrutinador* Italo Calvino constrói uma imagem incomum da Itália do pós-guerra. Pelos corredores do instituto religioso o escritor italiano fez serpentear “os habitantes de um mundo escondido”, os “homens infames”, na expressão cunhada por Michel Foucault, que traz para o primeiro plano as desventuras de vidas ínfimas, obscuras e insignificantes que tiveram sua liberdade, sua infelicidade, seu destino, com frequência sua morte, ao menos em parte, decididos em lugares como o Cottolengo (FOUCAULT, 1992, p.96). Calvino expõe "o fermento da exceção, da ruptura da norma" (CALVINO, 2002, p.24) que por sua constante repetição faz com que os critérios de normalidade sucumbam e impossibilitem a criação de formas de separação e de exclusão.

A partir deste momento Amerigo inverte a relação entre o Cottolengo e a cidade. Esta *cidade invisível* dobra de tamanho e aparece para o personagem como o único e verdadeiro mundo possível. Dessa maneira, a cidade aparece como um grande Cottolengo, um grande hospício onde a exceção passa a ser a regra comum. O mundo olhado desse ponto de vista, em que a cidade se transforma em um grande hospício, coloca questões para o intelectual de esquerda que o leva a perceber os limites das idéias e abstrações do partido e nos permite formular a seguinte pergunta: o que significa declarar-se comunista diante de um mundo onde a exceção se apresenta como regra geral?

Este “mundo-Cottolengo” se torna um espaço inquietante que desafia, embaralha e por vezes arruína as categorias de entendimento e as construções de verdade. É um “espaço heterotópico” na medida em que coloca em oposição, contesta e inverte a sociedade na qual esta inserido. Embora sejam reais e localizáveis, os espaços heterotópicos estão fora de todos os lugares (FOUCAULT, 2009, p.415). Esta é a definição de Foucault sobre espaços heterotópicos e podemos somar ao que Michel Agier chama de lugares de fora, de "*ban-lieu*, lugar de confinamento do banido, cujo afastamento político e territorial permite todas as dominações e exclusões, sejam elas econômicas, culturais ou 'raciais'" (AGIER, 2011, p. 41).

A história narrada no livro traz uma Itália que saíra da experiência do fascismo e passava pelo processo político de democratização. Os partidos que chegaram ao governo tentavam aprovar uma lei na qual a coalizão que alcançasse 50%+1 dos votos teria dois terços das cadeiras... (CALVINO, 2002, p.10). Com o sufrágio universal e a obrigatoriedade do voto, este grande instituto religioso, que apartado do cotidiano da cidade e separado dos que são considerados cidadãos, se transformava, à época das eleições, em uma fábrica de votos do Partido Democrata Cristão italiano.

O dia de um escrutinador traz problemas que estavam na ordem do dia. Através do texto, Calvino expõe os aspectos absurdos de uma democracia que se sustenta em votos obtidos por meio de uma organização burocrática e racional que leva ao limite de "fazer votar" todas as pessoas. Lembrando que cada uma das seções eleitorais da instituição "reúne cerca de quinhentos eleitores, e no Cottolengo todo há milhares de eleitores" (*idem*, p.17). O processo eleitoral realizado no interior do Cottolengo apresenta o lado perverso de uma prática política que transforma a eleição em um absurdo útil que serve para estabelecer o controle e o domínio por parte de quem se encontra no poder e pretende permanecer.

Afetado por essas observações, Amerigo nos incita a refletir sobre o que significa fazer votar os deficientes e idiotas sem a capacidade de compreender o sentido dos seus atos? O que significa a luta por uma democracia, pelo sufrágio universal e pela obrigatoriedade do voto? O que significa uma lei que força os eleitores a cumprirem o seu "direito" de votar, mesmo que eles não saibam o que quer que seja sobre as eleições e seus candidatos? E mais, quais são aqueles que têm a capacidade de compreender os sentidos dos resultados de uma eleição?

Em uma Itália que vivera cerca de vinte anos sob o regime totalitário, a democracia aparece como incontestável vitória. Nesse contexto, nosso militante de esquerda apresenta-se dilacerado, pois mesmo com as obscuras perspectivas das eleições, com as urnas montadas dentro de um hospício onde não se haviam podido realizar comícios, nem pendurar cartazes, nem vender jornais, onde padres e freiras votam em nome de centenas de desafortunados, Amerigo se dispõe a acreditar na realização do processo democrático.

Como escrutinador e militante, Amerigo Ormea executa uma a uma as suas tarefas com a "certeza do que estavam fazendo, mas também [com] um pressentimento de um quê de absurdo" (*idem*, p.22). Este *comunista partido ao meio* cumpre toda a sua função burocrática chegando ao limite de recolher os votos de moribundos que se encontravam na enfermaria do sanatório. Sem conseguir definir sua posição, Amerigo observa a prática absurda de uma eleição que se realiza no interior do Cottolengo e continua exercendo até o final do seu dia as ordens do estado e do partido.

Nas dilacerações experimentadas pelo escrutinador Amerigo Ormea, envolto aos homens que por não serem produtivos a "civilização" deposita nos asilos e hospícios, aparece a presença da dor e da desorientação de um homem que vê a democracia como um sistema que funciona na convergência com formas de humilhação, exclusão e desumanização. E percebe que, no interior do Cottolengo, as distinções políticas tradicionais que trabalham na chave de oposição entre direita e esquerda, liberalismo e totalitarismo, privado e público, perdem sua determinação.

Observando as contradições, incoerências e absurdos dessa eleição, Amerigo passa a questionar sobre a validade dos votos daqueles desafortunados. Na discussão, uma das mães encarregadas de "fazer votar" os deficientes, convida os escrutinadores a olharem pela janela e reconhecerem os "infames" que "certamente" não poderiam votar. Numa forte passagem, o escrutinador comunista observa uma cena que permite fazer um paralelo entre a "cidade-Cottolengo" e os campos de concentração:

a porta dava para um terraço, uma espécie de varanda; e havia um semicírculo de cadeirões com porção de jovens, de cabeças raspadas e barbas desleixadas, as mãos apoiadas nos braços das cadeiras. Usavam roupões listados de azul, cujas pontas desciam até o chão, escondendo o penico que estava por baixo de cada cadeirão, mas o fedor e os regatos transbordavam perdendo-se pelo chão, por entre as pernas nuas e os pés calçados com tamancos. Entre eles também havia aquela semelhança fraterna que reina no Cottolengo e até a expressão era parecida, nas bocas abertas, sem forma, desdentadas: de uma risada que até podia ser choro; e o estrépito que faziam se fundia num apagado tagarelar de risadas e choros. Em pé diante deles, um assistente – um daqueles feios mas espertos – mantinha a ordem, com uma vara na mão, e intervinha quando alguém queria se tocar, ou levantar-se, ou puxava briga com os outros, ou faziam muita gritaria. Nos vidros da varanda brilhava um pouco de sol, e os rapazes riam com os reflexos, ou passavam, mutáveis, à ira, vociferando um contra o outro, e depois logo se esqueciam (*idem*, p.73).

Essas constatações apresentam a crise vivida pelo personagem, dando-lhe de um lado um caráter de experiência real que o leva ao *pessimismo da inteligência*, e de outro, a dimensão utópica pelo *otimismo da vontade*. O que norteia, portanto, essa narrativa é a idéia de crise. A palavra central é crise, mas que se apresenta sobre várias formas. Em certo sentido, como incomodo, em outro como impaciência e também como contemplação. A experiência adquire sentido quando se chega ao limite, quando a experiência se torna negativa com relação às expectativas e nesse momento é que se constroem as alternativas ou as novas formulações.

Não é a esmo que sugerimos um paralelo entre o Cottolengo e os campos de concentração, em especial se aproximarmos pela anulação da dimensão humana dada a essas pessoas. Naqueles anos, Goffman publicava seu livro *Manicômios, prisões e conventos* (1961), em que, através do conceito de instituição total, aproximava os hospitais psiquiátricos aos campos de concentração. Outro texto importante da mesma época, que trata da história do confinamento moderno em hospitais psiquiátricos, é o livro de Michel Foucault *A história da loucura na Idade Clássica* (1961). E é neste contexto intelectual de crítica e questionamento das instituições psiquiátricas que o livro de Italo Calvino se insere. Em *O dia de um escrutinador* nosso autor tenta entender como, no dia a dia do Cottolengo, a democracia se realiza através de práticas de exceção e confinamento.

Ao construir o Cottolengo através dos "olhos, nariz, braços, pernas" de quem vive naquele espaço, Calvino nos permite compartilhar com a idéia de Walter Benjamin que diz ser "a tradição dos oprimidos [quem] nos ensina que o 'estado de exceção' em que vivemos é na verdade regra geral". No complemento desta afirmação, Benjamin convoca os intelectuais à tarefa de "originar um verdadeiro estado de exceção" (BENJAMIN, 1994, p.226). Assim, podemos ler a pequena novela *O dia de um escrutinador* como mais um caminho que corresponde a essa afirmação.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio, *Homo Sacer. O poder soberano e vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ARAUZ, Valéria Angélica, *Indizíveis, intangíveis, impossíveis: mundos ficcionais em I nostri antenati, de Italo Calvino*. Tese de doutorado em Estudos Literários, UNESP, Araraquara, 2009.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura*. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CALVINO, Italo. *O dia de um escrutinador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a.

_____. *Eremita em Paris: páginas autobiográficas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006b.

_____. *A especulação imobiliária*, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In : *O que é um autor?* Lisboa: Passagens.1992.

_____. *A História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

_____. Outros espaços. In: *Ditos & Escritos III - Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*, São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

ISER, Wolfgang. Que é antropologia literaria? In: ROCHA, C. C. (org.). *Teorias da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

ROSA, Alberto Asor. *Stile Calvino: cinque studi*. Torino: Einaudi, 2001.

MAIA, Claudia. O humano não tem fronteiras: *O dia de um escrutinador*, de Italo Calvino. *RELIT*, Florianópolis, n.2, v.1, p.04-09, mar. 2011.

PIERANGELLI, Fabio. Entrevista com Fabio Pierangelli. *Outra Travessia*, Florianópolis, n.12, p.203-220, 2011.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, n.32, v.15, p.171-188, jul. 2009.

TADDEI, Angela. Sobre a escrita etnográfica. *Aurora*, Marília, Edição Espacial, v.5, p.103-118, 2012.

ⁱ Agradecimentos especiais a Ana Carneiro, pela leitura cuidadosa e sugestões. Agradeço enormemente aos comentários, sugestões e incentivos de Patrícia Birman, Adriana Fernandes e Antônio Edmilson Rodrigues. Agradeço também a Ronaldo Castro, que “orienta” meus delírios, e a Dany Pierobon, por traduzir os necessários resumos. Este texto não seria possível sem essas (e outras) interlocuções.

O artigo foi aceito para publicação na Revista de Ciências Sociais da UFC em 2013, e integrará o dossiê *Antropologia e Literatura*.